

NARRATIVA PROFISSIONAL: UM ESTUDO EM CONSTRUÇÃO

Sônia Maria Santos do Nascimento –
Mestranda PPGEd/UFPI

Ivana Maria Lopes de Melo Ibiapina –
PPGEd/UFPI

1. INTRODUÇÃO

A discussão presente nesta comunicação baseia-se em parte importante da dissertação de mestrado que se encontra em andamento no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí, na linha de Pesquisa Prática Pedagógica e Formação de Professores. Este estudo adota como procedimento metodológico narrativas de vida profissional. Nessa perspectiva, objetivamos que os professores colaboradores narrem sua vida profissional, dando ênfase, em especial, aos fatos que foram marcantes na sua profissão.

Por esta razão, teorizamos nesta comunicação aspectos importantes no estudo de narrativas, tais como: significados, a importância das narrativas orais e escritas, narrativas como instrumento de construção de dados, como procedimento de formação e outros. Acreditamos que a compreensão destes aspectos é fundamental para o entendimento, análise e interpretação dos depoimentos. Assim, o estudo destes aspectos constitui a cada dia base sólida de conhecimento que internalizamos e utilizamos na pesquisa.

Apresentamos também as características que o investigador deve incorporar para conduzir pesquisa desta natureza, assim como, mostramos que a narrativa seja ela pessoal ou profissional está sempre associada ao caráter social explicativo de algo pessoal ou característico da época.

2. NARRATIVAS DE VIDA PROFISSIONAL

As investigações que fazem uso de narrativas trazem grande contribuição no que se refere à diversidade de informações relativas à história das pessoas e da sociedade, isto porque as mesmas são capazes de provocar mudanças na forma como cada indivíduo compreende a si mesmo e as pessoas. Essas informações, mesmo trazendo percepções pessoais do narrador, geralmente, vêm cheias de acontecimentos vividos no

coletivo, por essa razão, trazem marcas da pessoa e das relações mantidas com o mundo que as cercam. Dessa forma, as narrativas têm sido utilizadas por pesquisadores, tais como: Thompson (1997), Ferrarotti (1979), Chené (1988), Nóvoa (1988), Josso (1999) entre outros, como método ou procedimento de construção de dados em investigações educativas.

O pesquisador, que trabalha com narrativas, pode, discretamente, conduzir o diálogo, criando condições para que o narrador deixe aflorar, naturalmente, os acontecimentos que pretende desvelar, assim como pode propor questões como fio condutor do diálogo, direcionando, dessa forma, a narrativa para o objetivo que quer atingir.

Dessa maneira, o investigador, que faz uso de narrativas, precisa de desenvoltura intelectual para que possa perceber o que acontece no momento em que as histórias estão sendo narradas, afinal, trabalhar com narrativa não consiste apenas em colher histórias, depoimentos e sim em situá-las no tempo, ou seja, no momento histórico em que cada fato contado ocorreu. Assim, é necessário que o narrador tenha capacidade de se apropriar da cultura e das condições sociais em que a história narrada aconteceu, promovendo sintonia entre o passado e o presente, o real e o imaginário, a fantasia e a realidade, haja vista que as narrativas não acontecem de forma linear e não se registram por completo, uma vez que a história de qualquer pessoa tem sempre amplitude que não é de toda conhecida.

Conforme Delval (2004), as narrativas são utilizadas desde que o homem começou a se comunicar por meio da linguagem. Nos mais diversos momentos da comunicação humana elas estão presentes, quando contamos o que ocorreu na sala de aula, quando narramos como aconteceu o encontro com aquele velho amigo ou quando recontamos histórias de contos de fada, das fábulas, lenda e mitos, histórias da vida de pessoas ilustres e comuns, histórias das instituições, dentre outras formas de comunicação que propiciam a capacidade de nos apropriarmos do poder de narrar aos outros os acontecimentos. Mas o que é narrativa?

Delval (2004) afirma que narrativa é enumeração de acontecimentos encadeados com ordem que transmite informação ao ouvinte. Enquanto que, para Decca (2004, p. 19), narrar é sempre a capacidade que temos de contar aquilo que aconteceu. Delval (2004) afirma que o gênero narrativo pode apresentar-se de muitas maneiras e adotar múltiplas formas, que torna difícil de formularmos descrição que seja suficientemente precisa e sirva para todos os casos, cabe, portanto, ao pesquisador, que utiliza a narrativa

como procedimento investigativo, conceituar narrativa, conforme objetiva em seu estudo.

Dessa maneira, nesta pesquisa, estamos considerando que narrativa é a produção de conhecimentos interligados que quando organizados compõem história possível de serem retransmitidas e compreendidas, expressando visão específica situada no tempo e no espaço. Elas possuem a mesma estrutura de um texto comum. Desta forma, mesmo que a narrativa seja um acontecimento fictício ou um relato real é necessário que ela seja contada levando em consideração características tais como: sentimentos, emoções e crenças, tanto daquele que narra quanto dos personagens narrados. Assim como, é necessário que o narrador tenha o cuidado de narrar o fato de forma lógica, realçando começo, meio e fim do acontecimento que está sendo contado.

Na visão de Cunha (1998), as narrativas têm sido utilizadas na pesquisa qualitativa como instrumento de construção de dados e também são consideradas como procedimento de formação, porque ao mesmo tempo em que o indivíduo organiza suas idéias para fazer determinado relato, quer escrito ou oral, reconstrói suas experiências e reflete sobre elas, rememorando o passado vivido, que serve como referência para a reorientação do presente. Dessa maneira, as narrativas sejam utilizadas tanto como procedimento de pesquisa quanto de formação permite a produção de novos conhecimentos.

Nesse aspecto, as narrativas criam espaço para os indivíduos narrarem suas histórias, falarem de si, refletirem e compreenderem a si mesmos e aos outros. Assim como, possibilita a quem escuta, ou ler essas narrativas, questionar-se sobre o seu próprio percurso de vida. Nessa perspectiva, o uso das narrativas não consiste apenas em ouvir histórias e, sim, em instigar pesquisado e pesquisador a refletir e compreender determinados aspectos da vida pessoal e profissional e as inter-relações que antes não eram percebidas. A esse respeito, Moraes (2000, p. 82) comenta:

A narrativa de vida, usada na pesquisa, pode ser afirmada como uma alternativa de formação, na medida em que cria um espaço para que os sujeitos envolvidos (na interação narrativa – oralização e escuta) possam rememorar, remirar e falar sobre as suas práticas, tentando refletir, compreender e inter-relacionar idéias e sentimentos que antes nunca haviam sido expressados e, muitas vezes, nem sequer percebidos.

As narrativas permitem, também, que o narrador reencontre consigo mesmo, pois permite a compreensão e a autoreflexão das experiências vividas. A ação e a

reflexão sobre a trajetória de vida pessoal e profissional revelam experiências construídas ao longo da vida que transformam as narrativas em momentos bastante férteis de produção de conhecimentos, contribuindo para desvelar identidades e realçar subjetividades inseridas em experiências particulares ou sociais.

Narrativas referentes à vida profissional, geralmente, revelam o que levou o indivíduo a escolher a profissão, os cursos de qualificação, relacionamentos com colegas da profissão, com professores experientes, crises e conflitos da profissão, dentre outros aspectos importantes. Assim como, leva o narrador a compreender que sua formação inicial não pode ser concebida como algo inacabado e que as lacunas deixadas, nesse processo, devem ser retrabalhadas na formação contínua, como dimensão de complementaridade do processo de desenvolvimento profissional.

A história profissional de determinada pessoa está interligada à sua vida pessoal, dessa forma, não há como negar que o pessoal e o profissional são inseparáveis. Ao narrar a trajetória de vida, o docente passa por processo de reflexão, compreendendo melhor o percurso vivido no passado, relacionando-o ao momento presente. A esse respeito, Chené (1988, p. 96) comenta:

[...] a narrativa leva à compreensão do percurso da formação. Na prática, permite igualmente que o formador encontre o seu projeto de ser e se forme através da fragilidade das figuras que tomam no tempo da narração e se reaproprie do julgamento de competência que se faz sobre si próprio.

Dessa maneira, esse procedimento permite que o professor coloque em pauta a sua história pessoal e profissional, assim como, a própria história da profissão, os avanços e recuos inerentes à formação dos professores. Nesse sentido, destacamos que a narrativa de vida profissional oferece oportunidade para que a pessoa fale de si mesma, mas, ao mesmo tempo, ajuda na compreensão das regularidades e irregularidades ocorridas na profissão e na formação docente que são resgatadas pela história narrada, pois ela realça lembranças marcantes da escola, das práticas, da cultura escolar, dos colegas, dos professores, enfim, da história que acontece, paralelamente, ao currículo oficial desenvolvido pela escola. Assim, as experiências vividas representam espaços de formação da pessoa e do profissional que essa pessoa se transformou.

Nessa perspectiva, a narrativa tem por si só efeito formador, pois enquanto o narrador relata determinados fatos, termina fazendo reflexões críticas de aspectos da vida antes não rememorados. Nesse sentido, a narrativa de vida profissional contribui

para melhor compreensão dos caminhos escolhidos acerca da profissão, assim como das etapas traçadas para cada ciclo de vida profissional.

Pesquisadores que utilizam a (auto) biografia ou como procedimento metodológico ou como método de pesquisa precisam atentar para a qualidade da narrativa produzida, considerando que ela depende do envolvimento do participante, da vontade e da capacidade de (re) construir sua vida, recorrendo à memória. Nesse processo, é evidenciada a capacidade da pessoa relacionar sua vida atual com as lembranças do passado. A esse respeito, Thompson (1997, p. 57) comenta:

[...] Ao narrar uma história, identificamos o que pensamos que éramos no passado, quem pensamos que somos e o que gostaríamos de ser. As histórias que relembremos não são representações exatas de nosso passado, mas trazem aspecto desse passado e os moldam para que se ajustem às nossas identidades e aspirações atuais.

Isso porque ao narrar uma história de vida, entra em campo o modo como cada indivíduo evidencia valores e crenças de determinada época, relacionando a vida atual, com a passada. A versão dessa história depende, portanto, do momento em que ocorre a narrativa.

Assim, para Sousa (2005, p. 120):

O fato que narramos aos 20 anos, aos 30, aos 50, aos 80 anos significa que produzimos diferentes narrativas porque, em cada etapa, a vida narrada não é exatamente igual: o que acentuamos em uma etapa da vida pode ser omitida em outra, que por sua vez faz emergir questões ou temas ainda encobertos.

Na realidade, implica em dizer que as narrativas de vida narradas sobre fatos vividos na juventude, na idade adulta ou na velhice são diferentes.

Ao narrar determinada história, seja ela pessoal ou profissional, imprimimos também certas características à narração, fantasiando, atenuando aspectos e omitindo outros, deformando de certa forma aquilo que se passou. Para Sousa (2005, p. 120), isso, possivelmente, ocorra devido a “um problema muito comum que acontece com o narrador, o consumo público dos relatos, o que pode levá-lo a apresentar uma determinada versão a ser consumida pelos ouvintes ou pelos leitores, para que seja aceita e validada socialmente”.

As narrativas podem ser colhidas oralmente ou por escrito. “As narrativas orais caracterizam-se pela reflexão e mobilização da memória sendo um trabalho

introspectivo, que tem como objetivo revelar como me tornei o que sou e como tenho as idéias que tenho” (SILVA, 2005, p. 159). Nesse tipo de narrativa, a introspecção acontece para que o pesquisado faça mergulho sobre ele mesmo e, em seguida, possa revelar o processo pelo qual passou, relatando momento da sua vida pessoal e profissional. Nesse momento, cabe ao pesquisador, sutilmente, favorecer o desenrolar das recordações do pesquisado, utilizando recursos pessoais, como: fotografias, cartões, matérias publicadas, questionamentos, isto é, meios que recuperam as lembranças. Na narrativa oral, o narrador relata verbalmente sua história sem se sentir sozinho, pois tem quem o ouça, isso ajuda no processo de fantasiar e de aumentar ou diminuir o relato dos fatos; enquanto nas escritas, o narrador passa por processo solitário, tendo oportunidade de refletir sozinho sobre cada momento vivido.

A narrativa escrita “[...] remete o sujeito para uma dimensão de auto-escuta de si mesmo, como se estivesse contando para si próprio suas experiências e as aprendizagens que construiu ao longo da vida, por meio do conhecimento de si” (SOUZA, 2005, p. 53). Narrar história de forma escrita consiste em narrar a história para si mesmo, organizando diálogo interior com sua pessoa, tomando consciência sobre sua existência, compreendendo sua trajetória de vida pessoal e profissional. Dessa forma, as narrativas escritas têm efeito formador por si só porque transporta o narrador para o campo de reflexão sobre si mesmo.

Assim, nesse processo, o pesquisador faz uso das narrativas para colher fatos capazes de ajudar na resposta das questões formuladas. Nesse momento, é importante que se escute a história do narrador e dirija a ele questões investigatórias relacionadas com o objeto de pesquisa. É importante também que se registrem gestos olhares, choro, sorriso, pausas, entonação, isto é, o lado afetivo que circula no momento da narração, pois estas expressões podem contribuir com o processo de investigação.

Para Galvão (2005), a narrativa, como investigação, representa, intrusão pessoal na vida de outra pessoa; a mesma não é batalha pessoal, mas é processo ontológico, porque de certa forma somos constituídos pelas histórias que contamos acerca das nossas experiências.

Para orientar os colaboradores, a respeito da elaboração das narrativas, organizamos o texto intitulado “Narrativas em pauta”, essa produção recomenda que os professores elaborem suas narrativas a partir das respostas as seguintes questões: como me tornei professor(a)? Onde estive profissionalmente antes de chegar ao curso de Pedagogia do CMRV? Como surgiu a idéia de implantação do Curso de Pedagogia do

CMRV e como participei desse processo? Em que contexto histórico aconteceu a implantação do curso? Quais foram os momentos marcantes vivenciados no Curso de Pedagogia? De que maneira suas experiências como professor(a) se relacionam com a proposta formativa do referido curso e quais as relações existentes entre essa proposta e o momento histórico em que o curso de Pedagogia foi implantado? Qual foi sua trajetória profissional no curso de Pedagogia? Em que modelo os profissionais do Curso de Pedagogia foram formados naquele período? Qual sua contribuição como professor formador para definição do perfil dos alunos formados por este curso? Qual suas percepções com relação a proposta formativa atual do curso de Pedagogia? Você acha que sua trajetória de vida profissional interferiu no processo de construção do modelo formativo do curso. De que forma? Mesmo sugerindo ao grupo essas questões, deixamos claro que cada colaborador seria livre para estruturar sua própria narrativa da forma que melhor lhe conviesse.

Neste artigo, apresentamos as narrativas referentes apenas a duas dessas questões: você acha que sua trajetória de vida profissional interferiu no processo de construção do modelo formativo do curso? Em que modelo os profissionais do Curso de Pedagogia foram formados naquele período?

No que diz respeito à primeira questão, apresentamos o que diz alguns dos colaboradores da pesquisa:

Eu acho que interferi no modelo formativo do curso à medida que me envolvi, contribuí, me dediquei, eu acho que a história profissional do professor, juntamente com seus hábitos, valores, exemplos e atitudes sempre interferem na formação do aluno. (Rosalina Rosália)

Eu acredito que minha trajetória de vida tanto pessoal como profissional interferiu na formação dos alunos, eu sempre fiz questão de mostrar que era religioso, que amava meus filhos, minha esposa, minha família, o objetivo era este mesmo, pregar o amor da família, pois eu acredito que quem é ajustado na família também termina se ajustando no trabalho. (Manoel Jaime Filho)

Embora suspeita para tal, posso atribuir de certa forma o sucesso das gerações dos anos 85/96 a minha singela contribuição no Curso de Pedagogia. Tenho orgulho de dizer que sou cúmplice da formação de profissionais hoje bem sucedidos no mercado de trabalho. (Francimar Aragão)

Assim também, apresentamos a narrativa de alguns dos colaboradores no que diz respeito à segunda questão:

Eu não sei dizer se o professor foi formado em um modelo até porque eu acho que não existe um modelo, mas vários que vão se juntando e formando o professor. Nós não tínhamos um modelo pronto, mas nós sempre procuramos formar um profissional capaz de exercer bem suas atividades [...] um profissional que crescesse constantemente e que tivesse sempre aberto para as mudanças. (Maria Christina Oliveira)

Eu acho que se nós nos baseássemos apenas em um modelo formativo quando viessem as mudanças políticas e educacionais esses alunos ficariam sem bagagem para um modelo seguinte. Eu acredito que formávamos profissionais prontos para o mercado de trabalho, nossos alunos saíam com bagagem, com conhecimento, nós tínhamos preocupação de que eles realmente aprendessem [...]. (Francimar Aragão)

Eu lembro que nos anos 80, ou seja, no período da implantação do curso estavam em pauta Saviani, Marilena Chauí, Freire e outros. Então eu acredito que nos baseamos nestes autores e nos acontecimentos históricos e sociais da época para formar nossos alunos. (Manoel Jaime Filho)

A narrativa na realidade provoca mudanças na maneira como cada pessoa compreende os outros e a si mesmo. Para Araújo e Almeida (2005), “tudo que não é narrado morre com o sujeito. Ao contrário, tudo que é narrado e partilhado pode se constituir em elemento potencializador de novas sínteses criativas e em elos que ligam os sujeitos entre si”. Nessa perspectiva, a experiência profissional narrada é indissociável da história pessoal e da cultura social.

A narrativa oral que realizamos no nosso trabalho aconteceu no momento em que a professora colaboradora contou sua história e nós registramos por meio de gravação sonora. Neste momento, a professora colaboradora fez mergulho sobre ela mesma com o objetivo de narrar sua vida profissional, enquanto que a pesquisadora, sutilmente, favoreceu o desenrolar das recordações por meio de questionamentos. “As narrativas orais se caracterizam pela reflexão e mobilização da memória, sendo um trabalho introspectivo que tem como objetivo revelar como me tornei o que sou e como cheguei às idéias que tenho”. (SILVA, 2005, p. 159).

No caso da narrativa escrita, os colaboradores, orientados pelas questões já mencionadas anteriormente, tiveram um tempo acordado pelo próprio grupo para narrarem e apresentarem suas histórias em forma de texto escrito.

Ao narrarem suas histórias de forma escrita ou oral, os professores organizaram diálogo interior com sua própria pessoa, tomando consciência sobre sua existência e compreendendo, assim, sua trajetória de vida profissional, do mesmo modo que reconstruíram suas experiências de forma reflexiva e, portanto, acabaram fazendo autoanálise que lhe criaram novas bases de compreensão de suas próprias práticas.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas são procedimentos privilegiados para o estudo de vida pessoal e profissional, especialmente de professores, e podem ser reveladoras dos contextos sociocultural presentes na vida de cada colaborador.

O estudo, a compreensão e a interpretação dos aspectos apresentados no decorrer do texto permitiram compreender que desenvolver pesquisa utilizando narrativas como procedimento metodológico, apesar de ser gratificante, não é tarefa fácil, pois essa experiência humana é construída nas interações que se estabelecem entre as pessoas envolvidas, forma exaustiva de narrar que exige aprofundamento das informações e a conjugação coerente dos elementos possíveis de análise. Desta forma, é necessário que o pesquisador tenha maturidade, conhecimento, desenvoltura, para conduzir trabalho que opte pela realização de estudos nessa perspectiva.

Lembramos também nesta comunicação que cada indivíduo tem uma história, e que a narra conforme seus valores e crenças, relacionando-os com a realidade de maneiras diversas. Provavelmente, com a continuação desta pesquisa e com a análise das narrativas dos colaboradores, pontos necessitarão de maior aprofundamento. Cabe-nos, portanto, ficar atenta às nuances reveladas ao longo desta pesquisa para conduzir análise que possa contribuir para a construção de novos conhecimentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Maria de Fátima; ALMEIDA, Maria da Conceição. Narrativas de vida e formação do sujeito. Colóquio Internacional de Políticas e Práticas Curriculares. **Anais II. Paraíba, 2005.**

CHENÉ, Adele. Narrativas de formação e formação de formadores. In: NÓVOA, Antonio e FINGER, Mathias. **O método (auto)biográfico e a formação.** Lisboa: Departamento de Recursos Humanos/ Ministério da Saúde. Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional. Cadernos de Formação, 1988.

CUNHA, Maria Isabel da. **O professor universitário na transição de paradigmas.** São Paulo, Araracuara: JM, 1998.

DECCA, Edgar Salvadori de. **História, acontecimento e narrativa** (mimeog.). São Paulo: Unicamp, 2004.

DELVAL, Juan. **Aprender na vida e aprender na escola.** Porto Alegre: Artmed, 2001.

FERRAROTTI, Franco. **Sobre a autonomia do método biográfico.** Sociologia de la connaissance. Paris: Payot, 1979, p. 131 – 152.

JOSSO, Marie Christine. História de vida e projeto: a história de vida como projeto e as histórias de vida a serviço de projetos. **Educação e pesquisa.** São Paulo, ano V, nº 2, p. 11, jul-dez, 1999.

MORAES, Ana Alcídia de Araújo. História de vida em narrativas de professores(as): alternativa de investigação e formação de trabalho docente. Amazônida: **Revista do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Amazonas.** Manaus, ano 4/5, nº 12, p. 77-83, 2000.

NÓVOA, Antonio; FINGER, Mathias (org.). **O método (auto)biográfico e a formação.** Lisboa: Departamento de Recursos Humanos/ Ministério da Saúde. Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional. Cadernos de Formação, 1988.

SILVA, Martha Sirlene. Alfabetizadoras: construindo biografias educativas, refletindo sobre a leitura e a escrita. **Educação e linguagem, memórias da educação.** São Paulo, ano 8, nº 11, p. 159, jan-jun., 2005.

SOUSA, Cynthia Pereira de. Percursos de formação nas memórias de docentes universitários: análise comparada. **Educação e Linguagem, memória na educação,** São Paulo, ano 8, nº 11, p. 105-122, jan-jun., 2005.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Estágio e narrativa de formação: escrita (auto) biográfica e autoformação. **Educação e linguagem, memórias na educação,** São Paulo, ano 8, nº 11, p. 51-73, jan-jun., 2005.

THOMPSON, Alistair. Reconstituo a memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. In: PERELMUTTER, Daisy; ANTONACCI, Maria

Anonieta (Orgs.). Ética e História Oral. São Paulo: **Revista do Programa de Pós-Graduação em História**, nº 15, p. 51 – 84, 1997.